



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

**Análise dos Materiais Didáticos: “Gênero, governamentalidade e
contraconduta”**

Relatório Final

Período da bolsa: setembro de 2021 a agosto de 2022

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPQ

Orientador: Lívia de Rezende Cardoso

Autor: Isis Isabela Alves dos Santos

RESUMO

Desde cedo sofremos influência do meio ao qual estamos inseridos, seja através da religião, da família, da escola ou de qualquer ambiente social. Historicamente podemos ver a transformação de ideias e conceitos e como as sociedades transformam essas ideias, partindo desse pressuposto, buscamos a compreensão das categorias de gênero, subjetivação, governamentalidade e empreendedorismo de si, com o objetivo de investigar tais categorias nos materiais pedagógicos por meio fundamentação teórico-metodológica da investigação que inspira-se em conceitos de Michel Foucault na análise do discurso. Em relação à produção de dados a partir do campo empírico, procedemos a análise de materiais e livros didáticos voltados à BNCC. Ao analisar os materiais foi possível perceber que os livros didáticos são ferramentas que influenciam diretamente na compreensão sobre tais categorias e que ainda apresentam visões equivocadas e insuficientes para trabalhar tais quesitos.

Palavras-chave: BNCC, Currículo, Gênero, Governamentalidade, Materiais Didáticos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	6
3. CONCLUSÃO	10
4. PERSPECTIVAS FUTURAS	11

1. INTRODUÇÃO

Lembro-me com exatidão do meu primeiro dia de aula, no Adinan Garcia do Nascimento - Graccho Cardoso/SE, um momento difícil para qualquer criança. Na véspera desse dia tão cheio de incertezas e medos, marcado pela separação entre mãe e filha; meu primo, muitos anos mais velhos, deu início a uma narrativa acerca de como seria minha experiência na escola. Das histórias contadas, a que mais me marcou foi a de que a professora iria me “bater”, com essa informação na cabeça caminhei até a escola com muito medo, mas, incrivelmente, não chorei em meu primeiro dia de aula.

Talvez eu estivesse tão interessada em saber se a informação era verídica que nem me importei com todo o resto. Ao ter meu primeiro contato com minha professora, perguntei: _Tia, você vai me bater? E no mesmo instante ela negou dando um sorriso, e bastou a minha professora negar para que eu acreditasse imediatamente. A partir daquele momento ela virou uma referência para mim e tudo que ela falava era visto como “verdade absoluta”.

Sendo filha caçula, sempre vi todo o valor que minha mãe dava aos professores da minha irmã e como ela falava sobre a importância da educação. Em casa, comecei a construir a imagem do professor, e com toda a inocência de uma criança, acreditava que os professores nunca estavam enganados sobre os assuntos do mundo. Detentores do conhecimento, pessoas que nos ensinam, nos constroem, que têm todas as respostas.

Sou grata por ter construído uma visão tão positiva em relação aos professores, não é por acaso que me encontro no processo de formação como docente. No entanto, sou ainda mais grata por ter deixado a inocência na infância e por ter compreendido que todos estamos em processo de aprendizagem, inclusive os professores. A ausência de questionamentos é algo muito perigoso para nossa construção enquanto cidadãos, pois pode nos limitar, enquadrar e impedir de descobrir nossa identidade em sua totalidade, assim como a identidade de outras pessoas.

Devemos lembrar que os professores não são criados em laboratório, são membros da sociedade e, portanto, podem ser reprodutores daquilo que a sociedade considera correto, normal e aceitável, mas que nem sempre se enquadra nessas categorias. Um exemplo claro é como as questões de gênero são trabalhadas no ambiente escolar, em que, na maioria das vezes, determinados padrões são legitimados enquanto outros, são excluídos. Ao escrever tais lembranças da infância percebo o quanto a opinião dos meus professores eram relevantes para mim e como elas reforçavam padrões equivocados e sexistas sobre gênero e sexualidade, lembro-me com exatidão das brincadeiras de criança, da separação dos grupos entre meninos e meninas, e do jeito que as meninas eram orientadas a agir, padrões reforçados inclusive nas atividades pedagógicas, dentro desse contexto, o objetivo do presente trabalho é analisar os materiais pedagógicos

elaborados pela Secretaria do Estado da Educação de Sergipe e investigar a categoria gênero e governamentalidade nos Livros Didáticos do Ensino Médio utilizados pela rede. Além de identificar as subjetividades demandas à juventude no Currículo de Sergipe.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante toda a vida somos mergulhados em um conjunto de normas, regras e discursos criados pela sociedade e que determinam a forma como devemos existir. Baseado em padrões, nos ensinam como falar, agir e nos comportar, nos condicionando ao que consideram normal, principalmente no que diz respeito a gênero e sexualidade (LONGARAY & RIBEIRO, 2015).

O conceito de gênero vem se moldando historicamente, mas emergiu com o início do movimento feminista, ganhando força com as chamadas “sufragistas”, que lutavam pelo direito ao voto. Vítimas da segregação, em diversas instâncias, a figura feminina sempre foi ocultada e diminuída (LOURO, 2003). A priori, existia a ideologia do “dimorfismo sexual”, ou seja, gênero era discutido em uma vertente binária (BUTLER, 2003), sempre relacionando a figura da mulher com a figura do homem, (SCOTT, 1990).

No Aurélio, gênero, é compreendido como “agrupamento de indivíduos, objetos, etc. que tenham características comuns [...] forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos” (AURÉLIO, 2001). Pode ser compreendido, como fruto das relações sociais, onde pode-se assumir características que inicialmente eram designadas ao homem ou mulher, mas que não estão ligadas, necessariamente, ao sexo (LOURO, 2000). Segundo Butler (2010), gênero é uma conjunção social, histórica e cultural que não se relaciona totalmente com a definição pré-estabelecida pelos conceitos biológicos do binarismo, ou seja, podemos identificar subjetividades que são reforçadas pelo discurso que produz o próprio conceito (BUTLER, 2010, p. 154).

Vale ressaltar que o reconhecimento do gênero como fruto das manifestações culturais e sociais, não deslegitima os processos biológicos, apenas levantam questionamentos acerca das respostas que são dadas utilizando-os. Não é incomum encontrarmos associações indevidas de características biológicas com ações designadas socialmente, como exemplifica Ribeiro *et al.* (2015).

À menstruação que, embora seja um fenômeno biológico, o que se diz dela é construído culturalmente, “não podemos lavar a cabeça, não podemos andar de pés descalços, tomar banho de mar, fazer bolos...”. Estes exemplos permitem-nos perceber como os corpos e os gêneros estão não apenas vinculados à sua natureza biológica, mas são construídos na e pela cultura (RIBEIRO et al., 2015).

Partindo da definição de Butler (2010), podemos reconhecer gênero como sendo uma própria prática regulatória, na qual é possível perceber relações de poder (SCOTT, 1990), visto que em sua manifestação podemos identificar o controle dos corpos que ela produz, assim como o controle do comportamento (BUTLER, 2007). Michael Foucault nomeou essas práticas como uma forma de “governo”, na qual é possível o reconhecimento de si (FOUCAULT, 2009).

O poder não é da ordem do consentimento; ele não é, em si mesmo, renúncia a uma liberdade, transferência de direito, poder de todos e de cada um delegado a alguns [...] a relação de poder pode ser o efeito de um consentimento anterior ou permanente; ela não é, em sua própria natureza, a manifestação de um consenso (FOUCAULT, 2009, pág. 17.).

Segundo Foucault (2009) há várias instâncias nas quais as relações de poder se manifestam, seja o poder do Estado, o poder pastoral, da medicina, da economia, entre tantos exemplos, mas o que ele afirma, também, é que as lutas contra as formas de dominação ultrapassam essas vertentes. A priori, as lutas eram contra essas manifestações, entretanto, Foucault, ressalta que há também as lutas contra as formas de sujeição, ou seja, o controle da subjetividade (FOUCAULT, 2009). De modo geral, Foucault amplia o sentido da palavra “governo”, antes vista como a menção a ações políticas (LONGARAY & RIBEIRO, 2015).

Partindo do pressuposto de que a construção da subjetividade pode ser interpelada por formas de governo, podemos identificar os espaços educativos como ferramentas potencializadoras da submissão (LONGARAY & RIBEIRO, 2015). Longaray e Ribeiro (2015) compreendem como espaço educativo, todo e qualquer ambiente que seja capaz de promover a construção de saberes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os materiais pedagógicos utilizados pela Secretaria do Estado da Educação de Sergipe, utilizados no Ensino Médio pela rede, foi possível perceber que os materiais são compostos por ferramentas que direcionam o indivíduo. Os textos e imagens agem como modeladores, ou seja, acabam influenciando os estudantes nas suas condutas, gestos, inclusive pensamentos sobre gênero, corpo e sexualidade (VILLAÇA, 2016).

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram analisados dois livros utilizados na Disciplina Projeto de Vida, ambos do autor Leo Fraiman, “Pensar, Agir e Sentir”, e “Projeto de Vida e Atitude Empreendedora”. No primeiro capítulo do livro Pensar, Agir e Sentir, página 14, nos deparamos com um questionamento pertinente: “*Quem sou eu?*”. Essa pode ser uma pergunta complexa em todas as esferas da vida e no ensino médio não é diferente. O próprio livro aborda o quanto esse questionamento é inquietante, além de salientar a importância de saber respondê-lo,

tal questionamento poderia ser essencial para trabalhar o conceito de gênero e sexualidade em sala de aula e ajudar os estudantes a compreenderem a si mesmos. Entretanto, o livro não trabalha com ferramentas que possibilitem o debate, ou seja, as ideias ficam subentendidas.

Ao longo dos capítulos há diversos momentos textuais que seguem dando espaços para o debate de gênero e sexualidade: página 31, no parágrafo 2: *Muitas pessoas carregam por anos marcas de sofrimentos ocorridos na infância ou na juventude [...] parágrafo 3 [...] pode dizer a si mesmo, em seu diálogo interno, que nunca mais confiará em ninguém. Trata-se de uma decisão, uma escolha, e então é criado um filtro para situações semelhantes [...]* nessas passagens é possível abordar as questões de gênero, pois os conflitos internos e a dificuldade de se reconhecer enquanto pessoa podem ser trabalhados na escola, já que a escola também desempenha um papel social e de construção do cidadão, ou melhor, deve ser a escola um lugar de suporte e apoio (SILVA & FERREIRA, 2014).

Na pág. 33 somos mergulhados na sessão “Pensamentos que melhoram o diálogo interno e reforçam a autoestima – meu corpo está bem”, na qual a ideia de corpo saudável apresenta-se de forma limitante, visto que não é abordado os corpos que são possíveis de existir. A escola geralmente anula a existência de corpos que fogem da norma binária, ou seja, suas práticas discursivas impedem o direito dos estudantes trans, travestis e homossexuais de existirem a seu modo (SANTOS et al., 2016). A sessão apresenta também uma ideia limitante ao conceito de saúde, ou seja, saúde está ligada apenas a hábitos de alimentação e exercício físico, deixando de lado a saúde mental, inclusive associada ao conceito de gênero e sexualidade, pois a dificuldade de se reconhecer pode gerar inúmeros conflitos e consequentemente danos à saúde. Carneiro, Murrel e Werner (2017) expõem como os papéis destinados às mulheres, em decorrência das desigualdades de gênero, podem influenciar nos transtornos psicológicos.

Na página 36 o conceito de Identidade é trabalhado como algo conflituoso e que pode causar doenças devido à falta de ajuda e acompanhamento profissional. “*As crises de identidade ou existências se referem a um momento de mudança que [...] “pode ser marcado pela própria pessoa ou por uma circunstância externa”. Trata-se de situações que “produzem incerteza e ansiedade, mas também dão oportunidades” [...] Normalmente, se relacionam a momentos importantes da vida, como relações de casal, filhos, trabalho ou saúde [...]*”. A partir dessa explanação muitas questões podem ser trabalhadas, a ideia de composição familiar, heteronormatividade, assim como corpo e as desigualdades de gênero no âmbito das famílias. Na página 37 o material propõe uma atividade reflexiva por meio de um poema de Jean-Paul Sartre “O existencialismo é um humanismo”. A atividade é uma ferramenta importante para tratar subjetividade que, por sua vez, pode ser ligada à ideia de subjetivação (FOUCAULT, 1988, 1990).

O capítulo 3, na pág. 38, aborda a importância de ter um projeto de vida, mas ressalta que não é necessário que as coisas sejam engessadas e alheias às possibilidades de mudança, além de falar sobre o lugar de cada um no mundo e a importância de se reconhecer. No entanto, assim como as outras passagens apresentadas até o momento, tal ideia de conhecimento sobre si apresenta pouco suporte para os estudantes, pois não debatem questões que ajudem de fato na construção do sujeito. A página 43 aborda questões como “ansiedade e estresse”, mas não trabalha com os agentes que podem causar esses males, como as questões de gênero, desigualdade e construção de uma identidade. Além de trazer visão sexista e deturpada da mulher, representando-a como frágil, visto que apresenta uma imagem de dor e sofrimento representada por mulheres, sendo que ambos os gêneros estão sujeitos a passarem pelas mesmas situações. Imagem essa, reforçada historicamente (BIASOLI-ALVES, 2000).

No capítulo 5, página 73, a sessão **Para Refletir** aborda questões de autoconsciência, apropriando-se da frase de Sócrates: *Conhecer-te a ti mesmo*. Entretanto, levando em consideração que a escola é um ambiente que molda os alunos, como é possível conhecer a si mesmo se as subjetividades não são trabalhadas? É possível conhecer a si mesmo seguindo roteiros?

No módulo 2; capítulo 1; página 78 o material traz formas de se relacionar com o outro e com o mundo e destaca o papel da família e dos grupos sociais aos quais o indivíduo está inserido “Assim, a família e os grupos sociais com os quais você convive são importantes para a formação de sua identidade, mas a importância de cada um deles nem sempre é a mesma”. Tal exposto é interessante para trabalhar a diversidade e desmistificar a ideia patriarcal e engessada que o conceito de família apresenta conforme Narvaz & Koller, 2006. Entretanto, o material não dá esse suporte.

A página 107 traz uma atividade interessante para discutir subjetividades, as duas primeiras questões apresentam questionamentos acerca da liberdade e do reconhecimento de si: [...] *De que serve a liberdade quando os livres têm que viver entre os não livre? [...]; Suas escolhas são feitas com base em seus hábitos ou você se dedica a pensar sobre elas de maneira autônoma?*, respectivamente. Na pág. 113, também é possível ter contato com a ideia de liberdade, no item **Para Refletir: Sujeição**: “A liberdade tornou-se uma das bandeiras mais levantadas nos dias de hoje na sociedade. Contudo, aquilo que é chamado de liberdade pode ser a expressão da mais profunda sujeição. Será que todas as suas escolhas são feitas por você? Tais abordagens nos direcionam às relações de poder trabalhadas por Foucault, 2009, ou seja, de qual liberdade estamos falando se estamos sujeitos a situações de sujeições (seja ética, social ou religiosa) (FOUCAULT, 2009).

Módulo 3; capítulo 1: **Um passo importante: mundo do trabalho**, ao longo dessa sessão

podemos desfrutar um pouco sobre a história em torno do mercado de trabalho, dicas para escolher uma profissão e até mesmo uma visão filosófica sobre a importância de trabalhar em equipe trazida pela Fábula da convivência de Arthur Schopenhauer (1788-1860). Na pág. 145 há uma imagem que retrata o que seria uma boa convivência no trabalho. Tal imagem traz homens e mulheres, entretanto, não aborda as diferenças que ainda existem no mercado de trabalho baseadas em diferenças de gênero. A imagem de pessoas felizes ignora o fato de ainda existir uma dicotomia no mercado e exclui o fato de existirem seres humanos não binários, ou seja, a imagem mascara a realidade excludente que ainda existe no mercado, embora que ainda assim é importante ser utilizada, pois pode mostrar as estudantes que elas também podem ocupar determinados locais. Outro fato que reforça tal ideia são as histórias de superação trazidas por mulheres, como a história de Malala Yousafzai¹, pág. 17.

O segundo material analisado “Projeto de Vida e Atitude empreendedora” apresenta, na página 18, o item **Dores da alma** que aborda a importância de cuidar das dores da alma decorrente do fracasso e da cobrança social, mas apresenta falhas ao tratar sobre esse processo de cura, visto que não aborda questões sobre as subjetividades, sobre gênero e como essas questões são fundamentais para curar essas dores, principalmente no Ensino Médio que é uma fase de transições na vida do estudante.

Assim como o livro “Pensar, Agir e Sentir” também podemos ter contato com histórias de superação. Na pág. 21 há um relato do início difícil na carreira de J.k. Rowling, hoje uma autora de grandes sucessos, relatos como esse são fundamentais pois podem levantar questionamentos acerca do gênero, ou seja, será que o fato dela ser mulher tornou o caminho um pouco mais árido? Tais questionamentos podem proporcionar discussões necessárias para a construção social do estudante enquanto cidadão. Na página 53 podemos ver a história de Márcia Monteiro, representante feminina no mundo das startups. A história de Márcia também é importante para trabalhar gênero em sala de aula, pois o mercado que ela atua é predominantemente masculino, ao expor que esses ambientes podem ser ocupados por mulheres, o docente estará incentivando os estudantes a atuarem naquilo que tiverem vontade.

A pág. 30 traz uma atividade que propõe que o estudante entreviste um adulto da sua família. 1) Qual seria o papel do homem e da mulher na família? 2) Existem profissões mais adequadas para garotos? E para garotas? [...] existe uma idade certa para casar e ter filhos? Tais questionamentos servem para identificar na família visões estereotipadas e muitas vezes preconceituosas e limitantes. Entretanto, se não forem trabalhados da forma adequada pelos docentes, tais questionamentos podem reforçar as desigualdades de gênero, enquadrando mais uma vez os estudantes.

Igualdade é reconhecer o outro como um ser humano semelhante a você [...] amando-as e respeitando-as [...]”pág. 53; “ Fraternidade é a aceitação das diferenças entre os seres humanos” pág. 54. Apesar do material didático trazer essas afirmações, a ideia de igualdade e fraternidade é trabalhada de forma insuficiente, ou seja, a ideia fica subentendida como se fosse algo mais cômodo. Não há questionamentos que tirem o indivíduo do seu lugar de conforto e explore os direitos de existir com diferentes corpos, de diferentes formas, ou seja, de certa forma a igualdade não está sendo trabalhada de fato.

Na página 76 há um questionamento bastante pertinente “*Homens são mais empreendedores que as mulheres?*”. A desmistificação dessa ideia é fundamental para o debate em sala de aula. No entanto, devemos reconhecer que não existe só o binarismo, essa ideia de homem e mulher, masculino e feminino com a qual estamos habituados, é preciso romper esse paradigma, assim como a associação indevida em relação ao comportamento de cada indivíduo. Por exemplo, na pág. 93, na sessão sobre consumismo, o livro reforça, por meio de uma imagem, a visão que a sociedade possui sobre as mulheres, sendo elas vistas como consumistas, já que a imagem mostra um homem (provedor) triste com os gastos daquela que seria sua esposa, a mulher que demonstra felicidade ao fazer compras. Tal exposto mostra como o livro didático ainda reforça padrões sociais infundados (BIASOLI-ALVES, 2000).

3. CONCLUSÃO

Ao analisar os materiais de ensino do PNLD percebemos que o livro didático direciona o ensinamento e a percepção sobre corpos, gênero e sexualidades e podem influenciar na construção do sujeito e do seu lugar na sociedade, ou seja, é uma ferramenta política e, portanto, deve ser vista de forma minuciosa. Os livros didáticos que foram analisados, em muitas situações, puseram homens e mulheres lado a lado. Entretanto, ainda se mostram insuficientes no que dizem respeito à construção do sujeito, visto que só se baseiam na existência binária do homem e da mulher excluindo outras formas de ser e se reconhecer.

As ideias sobre a sociedade e o papel do cidadão na construção do projeto de vida aparecem subentendidas, ou seja, são trabalhadas de forma amena, sem problematizar as dificuldades encontradas graças às divergências de gênero e sexualidade e como essas dificuldades podem ser maiores para uns do que para outros, em diversas situações os materiais apresentaram uma visão romantizada dos processos de formação cidadã. Além de reforçarem visões estereotipadas sobre gênero, apesar de dar destaque para as mulheres em diversas sessões, também apresentaram imagens que reforçam visões que a sociedade possui sobre elas, como frágeis e consumistas. Podemos concluir que o livro didático é fundamental para a construção do cidadão, mas que deve ser analisado e discutido com ênfase nas desigualdades de gênero, visto que podem intensificar

visões estereotipadas e estabelecer conceitos rasos sobre o lugar de cada um no mundo.

4. PERSPECTIVAS FUTURAS

Em virtude do papel do livro didático na educação e construção do sujeito é fundamental que o presente trabalho siga em andamento, visto que há diversos campos educacionais a serem investigados. Com o seguimento das análises poderemos identificar e debater as relações de poder que envolvem corpo, gênero e sexualidade, ampliando e transformando as visões sobre tais temas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuidade e Rupturas no papel da Mulher Brasileira no Século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 16 n. 3, pp. 233-239, 2000.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARNEIRO, A. C.; MURMEL, J. G; WERNER, R. Democracia, Saúde Mental e Violação de Direitos: Consequências humanas, 3º Fórum de Direitos Humanos e Saúde Mental, 2017

FOUCAULT, M. *O Sujeito e o poder*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. (1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes., (1988). *Dits et écrits – III*. Paris: Gallimard., (1990). *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal

LONGARAY, D. A; RIBEIRO, P. R. C. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 62, p. 723-747, jul./set. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 9-34.

NARVAZ M. G; KOLLER S. H. Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*; 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006

SANTOS, S. P.; TEIXEIRA, J. G; PIRES, M. C. O; SILVA, E. P. Q. Corpos que desassossegam os direitos humanos no espaço escolar. In: Paula Regina Costa Ribeiro; Joanalira Corpes Magalhães. (Org.). *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. 1ed. RIO GRANDE: EDITORA DA FURG, 2017, v. , p. 219-231.

RIBEIRO, P. R. C; LONGARAY, D. A. Espaços educativos e produção das subjetividades gays,

travestis e transexuais. Revista Brasileira de Educação. v. 20, n. 62, jul.-set., 2015.

RIBEIRO, P. R. C.; MAGALHÃES, J. C.; SILVA, E. P. Q.; VILAÇA, T. O ensino de Biologia e suas articulações com as questões de corpos, gêneros e sexualidades. BioGrafia-Escritos Sobre la Biología y su Enseñanza, 9(16), 2016 pp. 77-86

SILVA, L. G. M; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. Periódico Científico Projeção e Docência. v.5. n2, 2014.